

# Viagens da Saudade

## Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

## Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário  
Paulo Borges  
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa  
Nuno Ribeiro  
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Sofia A. Carvalho\*

**A saudade, figura onde o mistério esfriou em medalha: silêncio e solidão em *Para a Luz*, de Teixeira de Pascoaes**

**Resumo:** O mote inicial desta reflexão inicia-se com a obra *Para a Luz*, de Teixeira de Pascoaes, datada de 1904. A partir de uma leitura próxima desta obra, proponho três momentos consequentes de análise, assim dispostos: no primeiro, entendido como ponto prévio, analisarei a poesia de Pascoaes como uma elegia do desencantamento, procurando aclarar qual o sentido da existência do homem na relação directa com a Divindade; no segundo momento, intitulado «As duas faces da Medalha: Silêncio e Solidão, as duas pessoas da saudade ou as máscaras de Deus e do Homem», clarificarei o que se entende por saudade, enquanto figura do pensamento, e qual a função da poesia entendida como epitáfio e, por fim, no terceiro momento, intitulado «A linfa da saudade», mostrarei o propósito programático do pensamento de Pascoaes.

**Palavras-chave:** Poesia, silêncio, solidão, saudade, criação, Teixeira de Pascoaes.

**The Longing, figure where the Mystery cooled in Medal: silence and solitude in Teixeira de Pascoaes's *For the Light***

**Abstract:** The initial motto of this reflection begins with Teixeira de Pascoaes's work *For the Light*, dated 1904. From a close reading of this work, I propose three consequent moments of analysis, thus arranged: in the first moment, understood as a previous point, I will analyze Pascoaes's poetry as an elegy of disenchantment, trying to clarify the meaning of man's existence in direct relation with the Divinity; in the second moment, entitled «The two faces of the Medal: Silence and Solitude, the two people of longing or the masks of God and of Man», I will clarify what is meant by longing, as a figure of thought, and what is the function of poetry understood as epitaph and, finally, in the third moment, entitled «The lymph of the longing», I will show the programmatic purpose of Pascoaes's thought.

**Keywords:** Poetry, silence, solitude, creation, longing, Teixeira de Pascoaes.

---

\* A autora deste texto é financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, com uma Bolsa de Doutoramento com a referência SFRH/BD/120804/2016.

*A saudade é isto: viver nas ondas  
E não ter pátria no tempo.  
E desejos são isto: diálogos baixos  
De horas diárias com a eternidade.*

*A minha luta é esta:  
Sagrado de saudade  
Divagar pelos dias.  
Depois, largo e forte,  
Com mil raízes fundo  
mergulhar vida dentro –  
e, amadurecido em dor,  
ir longe pra além da vida,  
longe pra além do tempo!*

Rainer Maria Rilke

## **1. Ponto prévio**

*Para a Luz*, obra de 1904, que precede criações como *Sempre* (1898), *Terra Proibida* (1899), *A Ventura* (1903), *Jesus e Pã* (1904), não encontra no panorama da crítica literária espaço cultivado. Neste sentido, e convicta de que se trata de uma obra poética que assume preponderância quer para a compreensão do sistema gnóstico de Pascoaes, quer para uma análise sobre a saudade, creio surpreender nesta obra as mais fundas preocupações reflexivas de Pascoaes sobre a criação poética, enquanto chave de leitura para o sentido da existência do homem na relação directa com a Divindade.

A obra em apreço possui, desde logo, um tom particular que recupera não apenas a mais alta tradição lírica, como também a cultura helenística que encara a Poesia sob a forma de epitáfio – poder-se-ia dizer que é uma construção elegíaco-lírica, cujo assunto é religioso. E não será assim cerzida toda a criação – entenda-se a poesia e a prosa – de Teixeira de Pascoaes?

Sendo esta obra dedicada à alma do irmão do Poeta, António (1880-1903) – que se suicida aos 23 anos em Coimbra, a 20 de Junho de 1903, tendo Pascoaes 26 anos – desengane-se o leitor que pense aí encontrar um lamento elegíaco inspirado na desgraça fraterna e familiar (a referência explícita ao irmão é feita apenas duas vezes), porquanto esse acontecimento trágico encontrar-se-á revestido pelas mais penetrantes inquietações metafísicas, atingindo a sua mais alta expressão,

ao lado de poetas como Rilke, em momentos de revolta cósmica que se expressa nestes termos: «Quis vingar-me da morte e, ergui à luz,/ Cantando este meu cálice de amargura.»

Só se poderá seguir com atenção e minúcia o propósito de Pascoaes se se atentar à concepção deceptiva e desiludida que o Autor tem sobre este mundo, ponto prévio desta reflexão. Canta, assim, Pascoaes:

Eu visionei o mundo assim como ele existe,  
Alegre para o mal, para a bondade triste;  
Para o crime um altar e cruz para a Verdade...  
Um mundo ensanguentado e todo falsidade,  
Que o calor do teu fogo, ó Satã, vem florir,  
E onde ouço a Luz chorar e vejo a Treva a rir!...  
(...)  
Um abismo sem fundo onde soluça a Dor...  
Dum ódio enorme, ódio sem fim, ódio infinito,  
Que será da revolta o sempiterno grito!...<sup>941</sup>

É assim que o título desta obra aponta para um temperamento que, por tão bem conhecer as trevas de que este mundo é feito, delas parte em busca da luz. Assim, o canto do Poeta é uma espécie de *fiat lux* em que a Poesia é já Teologia e o Poeta criador luciferino. É neste sentido que a lucidez de Pascoaes não deixa de surpreender o leitor ao afirmar que «a alegria da luz tem deslumbramentos»<sup>942</sup>, isto é, que demasiada luz turva a vista e deixa na alma impressões de encantamento, perturbando a mente. Portanto, o Poeta só consegue divisar a noite, esse «negro abismo»<sup>943</sup>. Ante o anseio clorofílico do Poeta, tal como o entende Simone Weil<sup>944</sup>, este mundo deslumbrante torna-se ponto de acesso para uma outra realidade, cuja natureza não deixa de alimentar a alma do Poeta, nestes termos:

[alma] És precisa no mundo e não nos altos céus,  
Que tu conheças bem a noite, o mal e a morte,  
Antros onde não chega o resplendor de Deus!...

Ó Mãe, ó Criação descalça e visionária!  
Nebulosa a sangrar, Génesis todo em pranto!<sup>945</sup>

---

<sup>941</sup> PASCOAES, Teixeira de, *Para a Luz, Vida Etérea, Elegias, O Doido e a Morte*, Assírio & Alvim, Lisboa 1998, p. 24.

<sup>942</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 37.

<sup>943</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 25.

<sup>944</sup> Cf.: WEIL, Simone, *A Gravidade e a Graça*, tradução de Dóris Graça Dias, Relógio d'Água, Lisboa 2004.

<sup>945</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 35.

Na verdade, parece existir aqui uma estranha coincidência entre o sistema de Pascoaes e o de Espinosa, porquanto se o Génesis está todo em pranto, é porque é deus ou a natureza quem chora, senão lembre-se o verso: «Chora, na minha sombra, o génesis da treva». Por outras palavras, a poesia de Pascoaes é uma elegia do desencantamento, porquanto, só conhece o encanto quem não está sob o seu efeito, isto é, cativo e deslumbrado pela luz.

## **2. As duas faces da Medalha: Silêncio e Solidão, as duas pessoas da saudade ou as máscaras de Deus e do Homem**

Se em cada verso, como defende Pascoaes em *Sombras*, jaz o Poeta fulminado, o mundo é a prova inequívoca da sombra sepulcral de Deus, morte pressentida em todas as cousas, em cada subtil aparência ou sombra. A saudade surge, assim, como a divina aparição, sombra de Deus, que vem da dor e vela a face do Poeta. O poeta canta, então, as formas repentinas, o delírio das cousas que, no seu olhar, se tornam lágrima e saudade. Será, justamente, dessa saudosa lágrima que se explicará a estranha Criação, afirma o poeta em *Vida Etérea*<sup>946</sup>. Nesta medida, torna-se claro o caveat de Pascoaes ao afirmar que, na distância, o homem deslumbrado e envolto no clarão do verso, cisma concentrado, dizendo: «estudai, com amor, um homem, e verás,/ que ele é a sombra de tudo, o fantasmas das cousas»<sup>947</sup>.

Dando corpo crítico ao título desta reflexão, defendo que a saudade é para Pascoaes, antes de mais, uma Figura, entendendo-se por figura o processo de linguagem pelo qual o autor altera o significado das palavras através de um esquema de pensamento. É, pois, a partir de uma figura de pensamento eleita, a do paradoxo, que o Poeta fundará aquilo a que em *Saudade e Saudosismo* apelidará de religião da saudade ou, em redução, uma religião do pensamento.

Se, tal como apresentado por Pascoaes, existe um dualismo do qual a saudade é feita, dado pelo desejo ela descender do sangue ariano e pela dor do sangue semita, poder-se-á distender e aplicar esse dualismo à própria inscrição da saudade, figura onde o Mistério esfriou em medalha.

Em primeiro lugar, a visão nítida do Poeta é concedida pela revisitação da Noite que provoca no seu corpo e na sua mente um arrefecimento peculiar. Este arrefecimento não é mais do que o processo em que a matéria ou as figuras do pensamento se esfriam: tal como no processo de

---

<sup>946</sup> Cf. PASCOAES, *Para a Luz, Vida Etérea*, op. cit., p. 190.

<sup>947</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 74.

forjamento de metais, o poeta exerce pressão e compressão sobre os conteúdos de um mundo em ardência, cristalizando essas mesmas cintilações e cedendo ao leitor as medalhas ou as esculturas do seu pensamento. A este respeito, não deixa de ser curioso que em escultura o túmulo, também conhecido por jacente, possua uma parte interior de madeira apelidada de alma: alma porque tem uma função estrutural, porquanto é a ela que estão pregados os elementos de metal<sup>948</sup>.

Neste sentido, a saudade seria a parte estrutural de duas forças contrárias, a saber: a do silêncio da dor e a da solidão do amor. São estas as duas faces da Medalha ou, se se quiser, as duas pessoas ou máscaras da saudade, silêncio-dor e solidão-amor. Na primeira face, inscrever-se-ia a máscara da criatura com a impressão da sua orfandade genesíaca, donde o sofrimento humano, na segunda, encontrar-se-ia gravada a solidão de Deus, a tristeza divina. As duas faces irrompem, assim, como *corpos iguais que sofrem a mesma dor*, senão oiça-se:

Uma saudade abala, às vezes, todo o mundo.

Lágrimas numa face, orvalhos no arvoredor,  
São corpos iguais sofrendo a mesma dor!...

(...)

Poetas, interrogai as lágrimas de tudo...  
O vento, a pedra, o ar, as nuvens e o oceano.  
Todo o olhar apagado e todo o lábio mudo,  
A tristeza divina e o sofrimento humano.<sup>949</sup>

O canto do Poeta iluminando as trevas não dissimula, porém, o pranto do Criador ante a sua Criação, que é contínuo e incessante e, por isso, é que em Pascoaes a Mãe das Dores é as trevas. Ora, fazer dessa mesma dor um poema parece ser o resgate do adágio de Goethe (faze da tua dor um poema): a dor, princípio eterno da sombra triste e universal de Deus, actua com violência sobre a Criação e dela tanto «floresce um ramo», como «brota um verso»<sup>950</sup>. A tendência constante é, pois, a de uma treva que se ergue, separadora e recortada, impregnando o canto do Poeta de uma estranha densidade povoada de vozes, vultos e perfis, «formas desiguais, [que] são aspectos diversos/ Da dor de Deus que cristaliza em Universos!»<sup>951</sup>.

---

<sup>948</sup> Cf. CARNEIRO, Helena, «Belmira Maduro, entrevista por Helena Carneiro», *Forma de Vida*, Revista do Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, n.º 13 (Maio de 2018).

<sup>949</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 69.

<sup>950</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 70.

<sup>951</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 67.

Em segundo lugar, sabe-se que para o Poeta «o céu é apenas um disfarce azul do inferno»<sup>952</sup> e que a Poesia é, na verdade, a encarnação da alma universal da saudade, esse epitáfio da lágrima divina que é um dilúvio para este mundo. Nesta medida, o desejo insatisfeito é a causa da saudade e esta, ampliada à Natureza, torna-se a própria alma universal<sup>953</sup>.

Por conseguinte, Pascoaes vê este mundo como uma sepultura, espécie de sombra alongada de Deus, que se injecta na voz do Poeta a partir das Trevas. O verso «Dar sombra é irradiar a noite dum dor...»<sup>954</sup> fixa justamente a ideia de uma sombra divina que fez noite o universo que é a sua dor. Na verdade, o mundo fenoménico e matérico é metamorfoseado e transfigurado pela «negra sombra/ feita de toda a sombra», que é o canto nocturno do Poeta. O mundo é, pois, sombra de Deus, sombra perpétua que acompanha o canto do Poeta, sombra que cristaliza em pensamento todas as formas vagas e diluídas. Neste sentido, a existência é apenas um esquisso da Vida que, ao nascer numa paisagem povoada de visões, logo se apaga, como firma o Poeta:

Deus é filho da Dor... se acaso Deus existe.  
Brotou do seu olhar este Planeta triste,  
Como uma lágrima sombria e torturada  
Que no lenço do Azul caiu desamparada!<sup>955</sup>

### 3. A linfa da saudade

O ponto programático de Pascoaes é, no fundo, abrir «na treva um caminho de luz!»<sup>956</sup>. Se em tudo «a solidão parece dimanar como um fluido»<sup>957</sup>, poder-se-ia dizer que o mundo é percorrido por uma linfa da saudade. No poema intitulado «A Fábrica», cuja atmosfera urbana provoca no leitor um certo estranhamento, Pascoaes convida Dante a visitar este «medonho inferno» que «tem no rosto magro a palidez funérea!», tornando-se esta fábrica figura de pensamento e de leitura do mundo. Deste modo, também neste poema o tom elegíaco e de revolta permanece o mesmo:

As coisas têm um ar cru de realidade...  
De nítido o azul é quase material.  
E os ramos nus, (...)

---

<sup>952</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 66.

<sup>953</sup> PASCOAES, Teixeira de, *A saudade e o saudosismo (dispersos e opúsculos)*, compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa 1988, p. 47.

<sup>954</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 71.

<sup>955</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 67.

<sup>956</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 86.

<sup>957</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 54.



Projectam uma sombra esguia de esqueleto,  
(...)  
E como tudo é claro e lúcido e visível,  
Como se sente um ramo, à luz do sol, sensível!...<sup>958</sup>

A intensidade da visão do Poeta, que é simultaneamente clara e lúcida, surge como contraponto de uma realidade que definha e cuja sombra projectada é já esqueleto. Dir-se-ia que a realidade sofre de linfatismo, e a diagnose poética é feita assim:

Em tudo há palidez de mística anemia.  
As nuvens passam, no poente, a escorrer sangue...  
Cada árvore é uma enferma a definhar, exangue.  
Branco espectro duma vida que passou, [...] <sup>959</sup>

O sangramento da natureza, fruto desse excesso de linfa, provoca um estado de anemia da realidade pois, como diz o Poeta, «em tudo há palidez de mística anemia». Também por isso os espectros referidos são brancos, isto é, surgem como figuras do líquido branco e nutritivo que circula nos vasos linfáticos da natureza. Esta noção da realidade comporta consigo duas consequências directas: por um lado, a criação passa a ser vista como o estado anémico de Deus, numa palavra, a criação é a doença de Deus. Por outro lado, o Poeta transforma a sua fotofobia, esse efeito excessivo de luz na retina, em força clorofílica, sempre que a treva adquire grande intensidade.

Ao esculpir um programa de lucidez contra a loucura e a podridão que contaminam e povoam o mundo, cujo tom muito se acerca de Kierkegaard, é consequente encontrar ecos desse programa nas contínuas indagações do autor, senão veja-se o que nos diz trinta e oito anos mais tarde em *Duplo Passeio* (1942): «Que é um animal senão uma alma remota? Alma próxima de nós, só a do próximo. Que perfume inebriante! O cheiro a podre não desagrade totalmente!»<sup>960</sup>. É este posicionamento irónico que justificará a sua visão gnóstica de ver o mundo. Sendo este último visto como cárcere, o corpo humano, feito à imagem e semelhança de Cristo, torna-se «a cruz e o padecente, a tragédia do Calvário em cada vulto que passa por nós na rua ou na Via Dolorosa»<sup>961</sup>. Lembra, todavia, Pascoaes que quem vê a pureza é porque, primeiramente, vê a podridão, já que se o mundo não fosse um sítio ermo não existiria «lugar para o Calvário».

---

<sup>958</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 49.

<sup>959</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 51.

<sup>960</sup> PASCOAES, Teixeira de, *A Beira (num relâmpago)*, *Duplo Passeio*, Assírio & Alvim, Lisboa 1994, p. 133.

<sup>961</sup> PASCOAES, *Duplo Passeio*, op. cit., p. 150.

Porque toda a criação é a repetição de um mesmo crime, cabe ao poeta dominar e fixar, por um lado, a turba de fantasmas e mortos que povoam este mundo e, por outro, esculpir uma visão do mundo que não só atinja as altitudes do seu espírito, como também se torne expansão ilimitada da sua intimidade. Abrem-se, assim, fendas de luz no meio das trevas. É já o acto da criação, que se quer redentor, íntimo e de primitiva solidão, a cristalizar mundos: «Vi Cristo em pleno espaço, que o espaço, tornado infinito, é ainda a nossa intimidade, a expansão ilimitada do nosso espírito. A ideia de Infinito resulta desta expansão ilimitada»<sup>962</sup>.

Esta singular atmosfera poética e metafísica, concebida pela dor e pela tristeza, não procura repetir o acto criador, mas instaurar o momento da redenção. E é por isso mesmo, tal como lembra António M. Feijó<sup>963</sup>, que o sistema de Pascoaes não se fixa na figura do Pai, antes pretende a restauração pelo acto rectificador do Filho. Este, embora sucedâneo, supera o Pai, que é apenas uma reprodução inconsciente e confusa, já que o acto do Filho nasce de um movimento de lucidez crítica e de um pleno esclarecimento da consciência, deste modo:

Sonhando, criamos um novo mundo; imitamos o Criador. O sonho é do Pai, como a crítica é do Filho, que a inteligência sucede à emoção e o frio cristalizante à névoa esparsa. Aperfeiçoar, repito é definir, pôr em nítido relevo uma figura, tanto mais perfeita quanto mais distante das outras ou distinta. Quanto mais a nossa alma for ela própria, mais susceptível é de encarnar um belo pensamento. Quanto mais nos sentirmos como pessoa independente ou em si, melhor resistiremos às nossas tendências inferiores, de carácter colectivo, anónimo, confuso.<sup>964</sup>

Portanto, o novo em Pascoaes não poderia ser o que lhe foi coevo e contemporâneo, mas antes a experiência de si mesmo vertida, epidérmica e constitutivamente, no Universo indomesticável e forte do seu pensamento, no carácter revolucionário, vigoroso e nervoso do seu temperamento. É, pois, violentamente que o seu verso se recorta, grita e destaca ironicamente: «E o filho corrige o pai, a criatura corrige o Criador; lava-se, corta a barba, apara as unhas. Aparar as unhas é um acto de significado transcendente, o único acto cristão possível, todo o *Novo Testamento*, pois o *Velho* manda-as deixar crescer»<sup>965</sup>.

Certo de que existe um hiato entre a alma e o mundo, duas atmosferas estranhas quer em si mesmas, quer em relação, Pascoaes defende que o pensamento é a única via que permite trabalhar e esculpir

---

<sup>962</sup> PASCOAES, *Duplo Passeio*, op. cit., p. 136.

<sup>963</sup> Cf.: FEIJÓ, António M., de, *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 2015.

<sup>964</sup> PASCOAES, *Duplo Passeio*, op. cit., p. 167.

<sup>965</sup> PASCOAES, *Duplo Passeio*, op. cit., p. 219.

materialmente a actividade anímica, criando entre esta última e o ritmo alucinatório do mundo um acordo solitário, triste e silencioso: «Exceptua-se a faculdade racional, que é uma espécie de contacto, extra-espacial e temporal, com o espaço e o tempo, uma sujeição do incomensurável à medida, do ilimitado ao limitado ou da fantasia à inteligência»<sup>966</sup>.

Este entendimento nocturno entre ambos – entenda-se: entre a alma e o mundo – serve não só o propósito exploratório da alma no mundo, como também favorece a sublimação do sofrimento, espécie de purga que afina a sensibilidade e aguça o pensamento. No entanto, a subordinação desgostosa da alma ao mundo não pretende restaurar o Génesis, antes remi-lo através da criação poética e da liberdade espiritual.

A eloquência sóbria e viva de Pascoaes, faz com que a sua poesia adquira um tom simultaneamente elegíaco e de insurreição, pois se a luz cria a necessidade imperativa de ver, a dor cria no homem a visão de Deus<sup>967</sup>. Pascoaes é, pois, um pensador nocturno, cuja sensibilidade é mais semita do que ariana – lembre-se o que nos diz o Poeta sobre a sensibilidade dos semitas ser o astro da noite<sup>968</sup> –, e o seu programa, construído a partir da força agónica dos contrários, consiste em verter a palavra, essa força que é a luz do pensamento, contra as trevas.

Em suma, ao conceder uma face nocturna às cousas e à própria Vida o homem é, em Pascoaes, não só «o sonho enorme da Matéria»<sup>969</sup>, como o seu «grande voo», «a grande escada de Jacob»<sup>970</sup>, tal como a saudade, essa trágica escultura ou medalha de duas faces, cuja força dúctil repousa no escopo e no martelo do seu escultor.

### Referências bibliográficas

CARNEIRO, Helena (2018), «Belmira Maduro, entrevista por Helena Carneiro» (2018), *Forma de Vida*, Revista do Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, n.º 13, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FEIJÓ, António M. (2015), *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PASCOAES, Teixeira de (1998), *Para a Luz, Vida Etérea, Elegias, O Doido e a Morte*, Lisboa: Assírio & Alvim.

PASCOAES, Teixeira de (1994), *A Beira (num relâmpago), Duplo Passeio*, Lisboa: Assírio & Alvim.

PASCOAES, Teixeira de (1988), *A saudade e o saudosismo (dispersos e opúsculos)*, compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa: Assírio & Alvim.

---

<sup>966</sup> PASCOAES, *Duplo Passeio*, op. cit., p. 155.

<sup>967</sup> Cf. PASCOAES, *Duplo Passeio*, op. cit., p. 141.

<sup>968</sup> Cf. PASCOAES, *A saudade e o saudosismo (dispersos e opúsculos)*, op. cit., p. 45.

<sup>969</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 105.

<sup>970</sup> PASCOAES, *Para a Luz*, op. cit., p. 85.

RILKE, Rainer Maria (1942), *Poemas*, I, prefácio, selecção e tradução de Paulo Quintela, Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra.

WEIL, Simone (2004), *A Gravidade e a Graça*, tradução de Dóris Graça Dias, Lisboa: Relógio d'Água.